A CRÍTICA DEPOIS DO FIM DO MUNDO

MARIA BETÂNIA AMOROSO

RESUMO Neste artigo são apresentados os pressupostos e as discussões implícitas na crítica literária feita por Alfonso Berardinelli, em particular, as relações entre literatura e sociedade na Itália. PALAVRAS-CHAVE crítica; sociedade; vanguarda literária; anos 70.

ABSTRACT In questo articolo sono presentati i presupposti e le discussioni implicite nella critica letteraria effettuata da Alfonso Berardinelli, in particolare le relazioni fra letteratura e società in Italia.

PAROLE CHIAVE critica; società; avanguardia letteraria; anni 70.

ABSTRACT This paper presents the assumptions and debates implicit in Alfonso Berardinelli's literary critique, particularly the relationship between literature and society in Italy.

KEYWORDS critique; society; literary avant-garde; the seventies.

1.

lfonso Berardinelli é reconhecido, não só na Itália, como um dos críticos atuais mais instigantes. Entre nós, seu nome começa a ser citado por aqueles que tiveram oportunidade de ler seus ensaios, principalmente os sobre poesia. A partir de 1998, Berardinelli tem visitado o Brasil com freqüência: na primeira vez, a convite da Bienal de Poesia, realizada pela Secretaria da Cultura de Belo Horizonte; mais recentemente, em 2005, esteve na USP dando aulas e conferências.

Nascido em Roma em 1943, Alfonso Berardinelli faz parte da geração de intelectuais que foi jovem no período posterior à guerra, que viu a Itália passar pelo *boom* econômico dos anos 50 e 60 e entrar tardiamente na modernidade. Do mesmo modo, acompanhou de perto o surgimento da neovanguarda, dos movimentos sociais de 68, bem como a consolidação da cultura de massa. Filho de antifascista, de uma família composta por todos os matizes da esquerda, do comunismo ao anarquismo, depois de freqüentar uma escola salesiana no popular bairro do Testaccio, em Roma, se matriculou na Universidade de Roma, em Letras Modernas. É desse período seu contato com as lições do crítico Giacomo Debenedetti, presença reconhecível no ensaísmo que fará depois. Teve uma brilhante carreira universitária: foi professor de História da Crítica Literária na Universidade de Cosenza e professor titular de História da Literatura Moderna e Contemporânea na Universidade de Veneza. Em 1995, depois de quase vinte anos ensinando literatura, num gesto único e raro, se demitiu, deixando perplexos amigos e colegas.

Esse ato tão incomum entre todos os que trabalham em universidades de todo o mundo traz à tona o que já estava expresso no título de seu livro, publicado em 1994, *Entre o livro e a vida*. Não é o papel social – seja ele o de professor ou o de crítico, ou ainda do poeta – o que conta, mas sim o compromisso real com a palavra, instrumento pelo qual exerce sua responsabilidade diante da

existência. Entre o livro e a vida, justamente nesse intervalo, desenvolve-se o trabalho de Berardinelli como crítico-ensaísta. E é nesse intervalo que está todo o fascínio instigante de sua crítica.

Se não é o papel institucional o que define seu ato crítico, muito menos o são o valor ideal ou a função histórica. O crítico, antes de ser escritor, é leitor e é a leitura da obra o que empenha Berardinelli, dando como resultado final a escritura personalíssima do ensaio que não é jamais guiado pela vontade classificatória ou didática, nem pela fúria teórica ou metodológica.

Propenso à visão de conjunto, mas desconfiando dos sistemas excessivamente coesos; usando a argumentação lógica, mas em tom coloquial; com olhar cético-irônico e sob ele um sentimento de desolação: é desse modo que o estilo de Berardinelli já foi certeiramente descrito¹. Não quer simplesmente "entender" ou "conhecer" a literatura; abomina a relação universitário-acadêmica que trata a obra anatomicamente, como um corpo a ser dissecado ou um objeto inerte ao qual se aplica uma teoria ou por meio do qual se demonstra uma idéia: para o crítico, ler e escrever são ações que se concluem em obras, cujo sentido é definido em relação a uma verdade a ser revelada, verdade essa que diz respeito à própria vida, ao modo e ao mundo em que vivemos. *Crítico sem profissão*², crítico também sem técnica, irá deter-se mais sobre particulares das obras sem tentar construir sistemas. Um leitor, um ser isolado, e como tal não livre de idiossincrasias e bizzarices, de sólidos preconceitos estéticos, mas que assume em primeira pessoa suas responsabilidades³.

O que mais instiga em Berardinelli é descobrir de onde vem a força da sua crítica que se nutre das obras, e quase só delas, enquanto as modas teóricas e metodológicas passavam e passam, ainda.

É, sem dúvida, o grande amor que tem à poesia que levou o crítico a compor os ensaios escritos no decorrer de um longo arco de tempo, de 1981 até 2001 (publicados em português com o título *Da prosa à poesia*⁴), manifestado na procura pelo sentido da poesia entre as formas de comunicação do presente, pela relação entre linguagem poética e tudo mais o que nos cerca.

De imediato, se predispõe contra o modo genérico, um verdadeiro jargão da modernidade, de conceber e ler a poesia, proposto numa determinada fase da poesia moderna, quando essa girava ao redor da idéia de "revolução da linguagem poética" transformada em sistema – do qual a melhor ilustração seria o livro de Hugo Friedrich *A estrutura da lírica moderna*: a procura obsessiva do excepcional, do que é irrepetível, eliminou qualquer critério de reconhecimento da palavra poética.

Não é casual que um ensaio seja sobre Baudelaire, um dos inauguradores dessa linhagem de poetas. Se na poesia do poeta francês é possível, sem dúvida, reconhecer aquela espécie de absolutização da lírica que acabou por gerar a paradoxal situação da poesia que, por um lado, se quer sozinha contra o mundo, por outro, eliminou qualquer instrumento capaz de verificar essa sua condição, que cortou os laços com o mundo concreto, lembra-nos Berardinelli, nela também é possível encontrar uma outra "linhagem" que não se exaure na procura do *novo* e da lírica *pura*, voltada para o absoluto, mas que vai em busca de modos particulares de contato com a realidade, aliás, como chega a afirmar o crítico, num verdadeiro *retorno* à *realidade*⁵.

^{1.} Filippo La Porta. "La terra desolata della nostra lirica", Il Manifesto, 17-7-1994.

^{2.} Título de outro livro seu e verdadeira síntese do seu modelo de crítica feita e também por ele defendida.

^{3.} Costanzo Di Girolamo. "Chi ha rubato la letteratura? Il critico è senza mestiere", Il Manifesto, 5/3/1983.

^{4.} A coletânea com esses ensaios, intitulada *Da poesia à prosa*, foi organizada pela autora deste artigo, com traduções de Maurício Santana Dias, e publicada pela editora Cosacnaify em 2007.

^{5.} Giulio Ferroni. "La poesia dei mondi concreti", L'Unità, 19/9/1994.

É nesse ponto que a ênfase dada à prosa, presente no título da coletânea, assume um sentido alargado: é também uma forma de nomear a condição humana, de contato e vinculação estreita com o mundo dos objetos, dos sentimentos, das construções sociais. Negar a prosa ou dela fugir é refugiar-se num mundo anestesiado ou de assepsia. Não por acaso dois outros temas de interesse e de reflexão de Berardinelli são o *gênero romance* e o conceito de *realismo*⁶. Berardinelli nos dá assim algumas direções para a reescritura da história literária e aponta para a necessidade do adensamento dos traços do desenho que tanto a leitura como o leitor exigem para que a literatura habite aquele espaço intervalar tão importante, entre o livro e a vida, negando-se a ser exercício para especialistas. Nada muito além do que o *senso comum*⁷ já nos garantia desde muito tempo. Contudo, a leitura e o leitor da poesia surgem, na reflexão do crítico, como personagens que vivem o exílio, como exilados na vida cultural italiana. Berardinelli, através dos anos, vem contando, passo a passo, essa história.

2.

Um de seus primeiros livros – o único, entre muitos já escritos, de poesia – intitula-se *Lição ao ar livre* (1979). Deixou de ser poeta, como ele mesmo conta, por ter descoberto que o gênero que mais lhe convinha era o ensaísmo, mas deixou também de ser professor, talvez porque lhe faltasse o ar fresco imprescindível para sua sobrevivência como crítico, ou melhor, como crítico militante.

A militância de Berardinelli, contudo, tem vários sentidos: faz parte de uma longa tradição da crítica italiana; é seu modo de reagir à *escolarização da literatura* que reduziu sumariamente a obra literária a objeto de estudo para o leitor especializado; é revisão crítica do *Novecento* literário no que há nele de mitificação, de parâmetros e critérios únicos de julgamento de valor e de gosto. Por outro lado, sua militância apóia-se nas reflexões que ele vem desenvolvendo, a partir dos anos 70, sobre o rumo tomado pela cultura e sociedade italianas e, nelas, sobre o lugar e o significado reservados para a literatura.

Nesse embate, uma expressão significativa, de alta voltagem retórica, aparece mais de uma vez: fim do mundo. Está no título de um ensaio de 1974 – "Não haverá fim de mundo algum"⁸; nos introduz nas agudas observações sobre Italo Calvino, de 1991 – "Calvino moralista, ou: como permanecer sãos depois do fim do mundo?"⁹; ressurge aqui e acolá, no corpo dos textos. Um mundo acabou e outro já vigora com plenos direitos, vem dizendo Berardinelli em voz alta, em tom severo e incisivo. Para sabermos de que mundo se trata basta nos determos em qualquer um dos ensaios escritos pelo crítico ao longo dos anos.

Em 1979, por exemplo, publicou "Transformações da idéia de literatura no decorrer da década de 70"¹⁰, em que se propunha a avaliar a situação da poesia e da literatura italiana do período.

A referência histórica da qual parte é o emblemático 68. Propondo-se a "olhar para trás" arrisca o diagnóstico inicial:

^{6.} Cf. "L'incontro con la realtà", Il romanzo. Le forme, org. Franco Moretti, Torino, Einaudi, 2002, pp. 342-385.

^{7.} Nesse sentido, é reveladora a admiração que o crítico italiano demonstra por Edmund Wilson, pelo seu estilo claro, coloquial e, em particular, pelo livro *O castelo de Axel*. Observe-se ainda que muitas das reflexões sobre o afastamento do senso comum por parte dos escritores e da crítica, estão também na base de seu ataque ao *estilo do extremismo* que se fez dogma, ideologia, no século XX. Cf. a respeito a interessantíssima coletânea de ensaios, escritos entre 1985 e 1993, *Stili dell'estremismo*. *Critica del pensiero essenziale* (Roma, Editori Riuniti, 2001), nos quais comenta alguns autores *radicais* da Modernidade, Heidegger, Derrida, Cioran, entre outros.

^{8.} Il critico senza mestiere. Scritti sulla letteratura oggi, Milano, Il Saggiatore, 1983, pp. 3-14.

^{9.} In Diario, Piacenza, anno VII, n.9, fev. 1991 (trad. M. Betânia Amoroso, Nova Revista Cebrap, n.54, 1999, pp. 97-113).

^{10.} Originalmente com o título "Letteratura e società in Italia. Gli Anni '70", Quaderni Piacentini, n. I, nuova serie, 1981; hoje in Il critico senza mestiere. Scritti sulla letteratura oggi.

Parto de uma constatação banal: a década de 70 terminou na Itália na maior das confusões. Apesar de uma série de esforços prolongados, os italianos, nesses anos, acabaram por sentir-se mais transtornados ainda a respeito da própria identidade. Não se fala aqui, certamente, de "solução de problemas". Os problemas só irão multiplicar-se. As soluções, se a lógica econômica e política do planeta permanecer aquela que temos sob nossos olhos, só poderão apodrecer.

Mas a Itália, o país que teve o Sessenta e Oito mais longo e talvez mais próximo do "salto de qualidade" entre todos os países do Ocidente industrializado, volta a ser a Itália de sempre. Um país onde o grande catálogo histórico das misérias nacionais – indiferentismo, corporativismo, clientelismo, subalternidade, conversa fiada – começa a ser contemplado como fatalidade. [...] A Itália terá de desfazer-se das próprias ambições e dos sonhos de emancipação. [...] A década deixada para trás parece ter sido um longuíssimo intervalo necessário para a fragmentação, para a dissolução de um projeto confuso mas não ignóbil que se manifestou em quase todos os ângulos e articulações da sociedade italiana entre 1967 e 1972. 11

Ainda falando da década de 70, com ironia e em pleno uso do seu melhor estilo, que faz com que parta de elementos muito simples para depois elevar o tom, diz:

A virada não ocorreu. A esquerda, velha e nova, foi derrotada. Ou melhor, somos tentados a dizer, trabalhou ativamente e em parte inconscientemente para a realização do próprio suicídio, entre trágico e grotesco. Os governos democrata-cristãos sucedem-se. E se caem é só para ressurgirem. Intocáveis e inalteráveis, possuem algo de metafísico. São feitos de uma substância que não faz acordos com a história. Aliás, a história é uma ilusão de subalternos, uma construção cultural e política do século XIX: um mecanismo humanista, feito de dialética e liberdade, que os procedimentos da política tecnológica têm-se ocupado em desarmar. Através de uma dose certa do assassínio e do computador é possível afogar no sangue e no gosto pela vida tranquila qualquer sonho de radical transformação coletiva.¹²

O mundo que acabou foi portanto esse, imaginado, sonhado pela era das revoluções no seu final, num país que teve enormes dificuldades para acompanhar a modernização ocidental. A "década da vanguarda cultural e política", entre 60 e 70, termina lugubremente e a previsão de que tudo tende a piorar anuncia a entrada da Itália nos anos 80.

À década da vanguarda cultural e política não sucedeu, como previam os esquemas correntes, a década da restauração, mas a da destruição dosada e pensada de uma espe-

rança e de uma práxis incompatíveis com as previsões de quem manobra os recursos disponíveis e as forças em ação. A restauração ainda virá, e não será passageira. 13

A descrição dos elementos que compuseram, política e culturalmente, o período é feita usando termos que alegorizam os choques e os participantes, sintetizados na imagem das "duas sociedades": a Itália passou os anos revolucionários dividida, assistindo à luta entre a Liberdade e o Poder, mas sob um terrível "regime de equívoco":

As imagens que cada um dos rivais tinha do outro eram imagens instrumentais. Mas enquanto o Poder difundiu o esperado perfil sinistramente difamatório, a Liberdade levou a sério uma idéia simplificada, propagandística e caricatural do seu adversário. [...] A liberdade contra o poder, a autonomia contra o Palácio, os movimentos contra as instituições, a sociedade civil em conflito com o Estado autoritário, a sociedade como auto-organização e autovalorização liberatória dos sujeitos sociais contra a cultura como indústria e como reprodução burocrático-produtivista. Imagem portanto das "duas sociedades". 14

Se há ironia é porque existe decepção, mas ao falar da década fundamental da sua própria autobiografia, Berardinelli não é cínico, e suas conclusões buscam apontar os erros e partir para o presente. Como em outro grande diagnosticador da sociedade italiana, Pier Paolo Pasolini, não há saudade do passado por pior que se esteja; não há o que "conservar" ou "resgatar"

E a literatura, como entra nesse quadro? Os pressupostos são os mesmos já apresentados no texto de 1979, mas agora muito mais consolidados, tanto pela reflexão crítica como pelo passar dos anos, que só reforçaram as teses de Berardinelli.

Para efeito de análise da situação literária, o momento mais sintomático, emblemático, é o da *Neovanguarda*, protagonizada pelos integrantes do *Gruppo 63*, como Umberto Eco, Edoardo Sanguineti, Guido Guglielmi, entre outros.

O crítico detecta uma tática no movimento que visa, por um lado, legitimar a literatura num quadro social que já não a considera como componente importante; por outro, e em conseqüência do item anterior, legislar sobre como se deve escrever para ser reconhecido. Reconhecido como moderno.

A universidade, por sua vez, sempre a partir dos anos 70, produz métodos e teorias que substituem a literatura pela antiliteratura, o romance pelo anti-romance, o leitor desprevenido pelo leitor especialista, e o público acaba por reduzir-se aos próprios produtores de literatura.

A extremização e a radicalidade já apontadas como virtudes do *Novecento*, portanto, perdem qualquer teor ou força revolucionária, dividem a Itália em "duas sociedades", definindo terroristicamente quais os únicos parâmetros válidos. Na teorização do crítico, a universidade entra como a parte que irá produzir a teoria e os métodos num cenário de ruínas:

O século XX foi o século no qual a política, a estética, a filosofia e a teoria de orientação extremista tornaram-se moda. A partir dos anos 50 em particular, a radicalidade e a extremização transformaram-se não só em moda, mas em moda acadêmica. Os jovens autores que começavam a escrever, a filosofar, a pintar e a compor música queriam acima de tudo pertencer a uma vanguarda. Naturalmente essa corrida em massa em direção ao que é mais moderno, mais revolucionário, mais extremo, transgressivo e abissal teria, em breve, conseqüências. Não se tratava mais de um modo de escandalizar o público e desafiar a crítica, um modo de ser coerente consigo mesmo ou com a realidade, arriscando o ostracismo e o insucesso: tratava-se, na verdade, do modo mais seguro de atrair a atenção distraída dos meios de comunicação e fazer-se aceitar rapidamente.¹⁵

O mundo da cultura e da política que nasceu no período posterior às guerras desmorona gradualmente; o conceito de literatura vai-se transformando e com ele o discurso crítico. A neovanguarda dos anos 60 joga a pá de cal, proibindo ao jovem escritor de se apoiar na tradição e criando para o jovem professor o dilema sobre o que ensinar. A leitura da obra literária é substituída pela leitura da teoria. Portanto, numa das sugestivas imagens de Berardinelli, da "literatura da recusa" característica dos anos revolucionários italianos, passa-se à "recusa da literatura"

Ainda no diagnóstico de Berardinelli, nos confusos anos 70, a crítica se anula e dá lugar ao "mito da criatividade incondicionada, ornamental e consolatória, realização degradada do sonho marcusiano da estética difusa", tendo como primeiros resultados uma grande novidade: a poesia floresce na Itália e os poetas se multiplicam, o que desnorteia por completo a crítica. Mas se trata de um outro mundo: "a literatura do *Novecento* acaba, ou recomeça, em 1970", é outra frase berardinelliana.

O quadro esboçado é altamente complexo – embora específico da história da literatura e da sociedade italianas, talvez não tão distante assim da situação contemporânea de outras literaturas –, mas é levando-o em conta que a coletânea de ensaios pode ser compreendida como teorização sobre a crise da lírica moderna, crítica que foi construída aos poucos, também em ensaios que não tratam de literatura especificamente, nos quais se dá a revisão de alguns dogmas – da cultura, da política, da literatura – que se acumularam no século passado, sob a etiqueta da "modernidade", na "era do extremismo".

A exigência de uma releitura da lírica moderna e contemporânea é o substrato desta coletânea de ensaios críticos que, em páginas límpidas e notáveis, são o convite para se observar a história literária de um horizonte menos restritivo, que inclui experiências poéticas tanto de alguns poetas nascidos entre os anos 10 e 20 do século passado, na Itália – Giorgio Caproni, Vittorio Sereni, Giovanni Giudici, Mario Luzi, entre outros –, como também de poetas estrangeiros, como Walt Whitman e W. H. Auden, para citar dois exemplos. Na contramão da história, que era de mão-

única, eles mesclaram o texto poético com módulos da narrativa e do teatro e mantiveram o diálogo com o leitor médio, fugindo da linha mestra das poéticas da "pura poesia", que manteve sua força até meados dos anos 60. Por outra vertente, a releitura da história literária é sugerida ao crítico com base na observação dos efeitos da escolarização da poesia: Berardinelli reinterpreta a bíblia acadêmico-universitária que orientou nosso modo de ler e ensinar a ler, a compreender e interpretar a poesia moderna, o livro de H. Friedrich, *A estrutura da lírica moderna*.

As muitas vozes que o crítico italiano conseguiu ouvir dentro e fora da poesia italiana do século XX, e que o ajudam a compreender os movimentos contemporâneos da poesia, tornam mais densa e espessa a cena lírica, acrescentando às poéticas já consagradas outras tantas que exibem o confronto com a sociabilidade, com os outros, com o mundo, na busca de uma linha de equilíbrio entre a tradição e o novo, fruto de uma decisiva vontade de diálogo com o público, do qual não exigem que seja extremamente culto, iniciado, mas que tenha alguma preparação cultural para usufruir dos poemas.

Na raiz das questões, está o abandono de qualquer espécie de crença no *evolucionismo* literário, de qualquer prescrição de como se deve ou não escrever poesia. Assim como já havia proposto Pasolini em *Lettere luterane* e *Descrizioni di descrizioni*, principalmente, e Pier Vincenzo Mengaldo na introdução a *Poeti italiani del Novecento*, ao se redefinir o panorama literário italiano são reservados lugares para os "dialetais" e para os poetas "antilíricos", aqueles que escrevem uma poesia que se aproxima da narrativa, da prosa, estilizando, de modos variados, a clareza¹⁶

O título *Da poesia à prosa*, escolhido pelo autor para o livro que contém sua mais longa reflexão sobre a lírica moderna, pode sugerir momentos estanques e resultados únicos – primeiro poesia, depois prosa –, mas o esforço crítico proposto está justamente em evidenciar a pluralidade de forças poéticas presentes no quadro da cultura e da sociedade. Feita a ressalva, cabe lembrar ainda que o crítico deve também valorar o poeta, a poesia na dinâmica imposta pelo quadro social, sendo etapa primordial a experiência anárquica da leitura da obra literária, antídoto proposto por Berardinelli para a leitura escolar e de especialistas.